



# O 7º Grupo de Forças Especiais: Duas Décadas de Excelência na América Latina

Tenente-Coronel Paul S. Burton, Exército dos EUA e  
Capitão Robert Lee Wilson, Exército dos EUA

Traduzido da edição em junho de 2002 da *Special Warfare*

O 7º GRUPO DE FORÇAS ESPECIAIS, com o seu enfoque regional sobre a América Latina, tem mantido um papel importante na América Central e do Sul. A presença do Grupo tem tido um significado importante durante os últimos vinte anos. Combatendo guerrilheiros marxistas, mantendo a paz ao longo de fronteiras contestadas, restaurando governos legítimos em países assediados ou detendo o fluxo de drogas ilegais para os Estados Unidos, os militares do 7º Grupo têm estado prontos para cada novo desafio. Suas missões, durante os últimos vinte anos, apoiaram os inúmeros sucessos do povo latino-americano e da política exterior norte-americana na região.

## Evolução

Em 1982, existiam inúmeras ditaduras marxistas e de direita na América Latina. Vinte anos mais tarde, todos os países da região, exceto Cuba, têm um governo eleito democraticamente. O objetivo principal da política exterior dos EUA com relação à América Latina durante os anos 80 era a estabilidade regional por meio da contenção do comunismo, principalmente na Nicarágua, El Salvador e em países vizinhos da América Central. Hoje, esforços contra o narcotráfico na região andina da América do Sul têm-se tornado uma preocupação dominante da política exterior norte-americana. A política de engajamento — desenvolvimento e manutenção de laços socioeconômicos e militares fortes com os países para fortalecer suas instituições democráticas — tem também sido um objetivo importante dos EUA. Esta evolução da política, de contra-insurreição para o combate aos narcóticos e engajamento, pode ser ilustrada claramente pelas missões do 7º Grupo de Forças Especiais nos últimos vinte anos.

## El Salvador, 1979-1990

Depois de ter sofrido um golpe militar no final de 1979, El Salvador desestabilizou-se rapidamente e parecia se encaminhar para uma guerra civil. Quase um ano depois do golpe, o grupo marxista *Farabundo Martí Para La Liberación Nacional*, ou *FMLN*, surgiu da união de cinco grupos insurgentes menores.<sup>1</sup> O *FMLN* fortaleceu seu movimento com a insatisfação pública relativa às reformas governamentais e foi apoiado com armas e adestramento recebidos de outros regimes comunistas.

Pouco depois da suspensão da assistência americana para El Salvador, o Departamento de Estado dos EUA percebeu que a maior ameaça ao país e à região era a insurreição esquerdista e a assistência foi prontamente restaurada. Em 1982, as Forças Armadas dos EUA começaram a adestrar e a orientar o Exército salvadorenho em Honduras e, em 1983, assessores militares dos EUA estavam vivendo com, e aconselhando, brigadas salvadorenhas por todo o país.<sup>2</sup> Muitos dos assessores pertenciam ao 7º Grupo de Forças Especiais.

Os EUA estabeleceram um limite informal de 55 soldados para a missão de assessoramento em El Salvador e, tipicamente, um oficial e um sargento trabalhavam com uma brigada.<sup>3</sup> Os assessores proporcionavam assistência tática e técnica, muito necessária, aos salvadorenhos. Embora a missão principal dos militares dos EUA fosse de assessoramento, às vezes se encontravam engajados em combate. O Sargento Gregory Fronius, do 3º Batalhão, 7º Grupo de Forças Especiais, foi morto em 31 de março de 1987, durante um ataque do *FMLN* a um campo salvadorenho em El Paraiso. Um ano mais tarde, o mesmo campo sofreu novo ataque.<sup>4</sup>

Os assessores das Forças Especiais forneceram

mais do que apenas assistência tática e técnica durante a missão em El Salvador. Incorporaram os direitos humanos em todos os aspectos de seu adestramento e trabalharam no sentido de transformar o Exército salvadorenho no tipo de organização profissional que obtivesse o apoio e o respeito da população civil. O trabalho árduo dos assessores das Forças Especiais, teve um efeito profundo sobre o conflito. À medida que o Exército salvadorenho crescia em capacidade e profissionalismo, a guerrilha percebia o enfraquecimento do seu apoio popular e, em 1990, o FMLN assinou um tratado de paz com o governo salvadorenho. O trabalho dos militares do 7º Grupo de Forças Especiais em El Salvador, em grande parte ignorado pelas pessoas fora da comunidade de operações especiais, é um dos grandes sucessos militares dos últimos tempos. Demonstra como um pequeno grupo de militares de Forças Especiais pode alterar situações estratégicas de forma dramática e afetar centros de gravidade nacionais.

## Panamá, 1989-1990

No final dos anos 80, as relações entre os EUA e o Panamá se deterioraram. O General Manuel Noriega, comandante das Forças de Defesa do Panamá, efetivamente tomou o poder no Panamá em 1988, quando decidiu ignorar todas as ordens do governo civil panamenho. O relacionamento entre os dois países piorou mais ainda quando Noriega foi indiciado nos EUA, acusado por tráfico de drogas. Em 1989, quando o Panamá realizou eleições, Noriega anulou os resultados. Candidatos da oposição organizaram um grande protesto na Cidade do Panamá, mas Noriega prontamente reprimiu a demonstração usando capangas armados com pedaços de paus e canos que ele denominava de seus “batalhões de dignidade”.

À medida que Noriega consolidava o seu poder em 1989, formava-se o cenário para um confronto entre o seu país e os EUA. Em dezembro, Noriega declarou um estado de guerra contra os EUA e ocorreram vários pequenos confrontos entre as forças norte-americanas e as Forças de Defesa do Panamá. O 7º Grupo de Forças Especiais tinha um elemento, o 3º Batalhão, situado permanentemente no Panamá. À medida que piorava a situação, uma companhia de cada um dos dois batalhões do Grupo sediados nos EUA deslocou-se para o Panamá para reforçar o 3º Batalhão. Em preparação para as hostilidades eminentes, as unidades de Forças Especiais participaram em vários exercícios conjuntos de adestramento. No dia 19 de dezembro de 1989, as forças dos EUA deram início à Operação *Just Cause* para neutralizar as Forças de Defesa do Panamá, criar um ambiente democrático estável no país e prender Manuel Noriega.

O 3º Batalhão do 7º Grupo, reforçado por parte da

Companhia A, do 1º Batalhão do 7º Grupo, formou o elemento de combate conhecido como Força-Tarefa *Black*. Elementos da Força-Tarefa *Black* já no teatro de operações, desativaram estações vitais de rádio e televisão sob controle das Forças de Defesa do Panamá, na hora H, momentos antes da invasão das forças dos EUA.<sup>5</sup>

Outro elemento da Força-Tarefa *Black* recebeu a tarefa de garantir a segurança da ponte sobre o rio Pacora, via de acesso principal das Forças de Defesa do Panamá, na sua tentativa de reforçar suas forças no aeroporto de Torrijos-Tocumen. Este elemento, comandado pelo Major Kevin Higgins, da Companhia A, do 3º Batalhão do 7º Grupo de Forças Especiais, chegou na ponte no momento em que um comboio armado das Forças de Defesa do Panamá se preparava para cruzá-la. O Sargento Daniel McDonald disparou um míssil *AT-4* e deteve a viatura-líder instantaneamente, enquanto outros membros da Companhia A disparavam sobre as demais viaturas do comboio. Os homens da Companhia A se apoderaram das viaturas restantes, fizeram vários prisioneiros e estabeleceram uma posição de bloqueio para impedir as Forças de Defesa de cruzarem a ponte. Durante toda a noite, a Força-Tarefa *Black* defendeu a ponte contra vários ataques por forças motorizadas das Forças de Defesa, as vezes controlando o fogo de aeronaves *AC-130* circulando acima. Às 14:30h. de 20 de dezembro, a Força-Tarefa *Black* foi substituída por elementos da 82ª Divisão Aeroterrestre.<sup>6</sup>

Militares do 7º Grupo tomaram muitas guarnições das Forças de Defesa por todo o Panamá.<sup>7</sup> Muitos dos militares das Forças Especiais da Força-Tarefa *Black* viviam no Panamá há muitos anos; conheciam a forma de pensar do típico comandante panamenho e, em alguns casos, conheciam os oficiais panamenhos pessoalmente. Militares das Forças Especiais se aproximavam aos comandantes das guarnições e exigiam que estes se rendessem incondicionalmente para evitar uma batalha com forças adicionais dos EUA que estavam por chegar. A maioria dos comandantes das Forças de Defesa do Panamá se rendeu imediatamente.

Como uma guarnição depois da outra se rendia ou era vencida pelas forças dos EUA, o Panamá foi rapidamente liberado da ditadura de Noriega. Ele próprio se rendeu às forças dos EUA no dia 3 de janeiro de 1990, depois de ter-se refugiado, durante praticamente toda a invasão, na Nunciatura Papal. A Operação *Just Cause* terminou oficialmente em 12 de janeiro de 1990, mas o trabalho do 7º Grupo estava longe de terminar. A Operação *Promote Liberty* teve início imediatamente após terem terminado as hostilidades no Panamá e o Grupo fez a transição para as atividades de defesa interna no estrangeiro e de restauração da nação.

O 7º Grupo desdobrou seu quartel general e seu 2º



Fotos: Departamento de Defesa

*Tropas salvadorenhas desmontam de um helicóptero CH-47 Chinook do Exército dos EUA durante ensaios operacionais realizados junto a elementos do 7º Grupo de FE como parte do exercício Granadero I em Cucuyagua, Honduras.*

Batalhão (reforçado por elementos do 1º Batalhão) no Panamá para apoiar a Operação *Promote Liberty* e suas forças ficaram operacionais a partir de 4 de janeiro de 1990. Essas forças tiveram o principal encargo de restauração da ordem e do restabelecimento de uma força de defesa civil por todo o país. O 7º Grupo atingiu prontamente seus objetivos na Operação *Promote Liberty* e todas as companhias do Grupo, menos uma, retornaram aos EUA em 15 de fevereiro de 1990.

A defesa da ponte sobre o rio Pacora foi a missão mais dramática do 7º Grupo durante a Operação *Just Cause*, mas se pode considerar que a maior contribuição do Grupo foi a obtenção da rendição das numerosas guarnições das Forças de Defesa do Panamá. O conhecimento da cultura panamenha e as relações pessoais com oficiais das Forças de Defesa do Panamá, por parte dos militares das Forças Especiais, foram multiplicadores de força; conservaram o poder de combate que teria sido usado para neutralizar as guarnições (para não falar em baixas). Os resultados finais das operações *Just Cause* e *Promote Liberty* são evidentes: O Panamá assumiu o controle do Canal em 1999 e o país tem tido numerosas eleições livres durante os últimos dez anos.

### **MOMEPE, 1995-1998**

Em 1995, o Equador e o Peru foram à guerra sobre um território disputado na bacia amazônica, uma região de densa selva, que ambas nações disputavam há décadas. Após alguns combates sangrentos no início do ano, os

dois países assinaram, por intermediação do Brasil, a Declaração do Itamaraty em fevereiro de 1995, estabelecendo um cessar-fogo e criando uma missão de manutenção de paz — A Missão de Observadores Militares Equador-Peru ou MOMEPE — para assegurar que

*Os assessores das Forças Especiais forneceram mais do que apenas assistência tática e técnica durante a missão em El Salvador. Incorporaram os direitos humanos em todos os aspectos de seu adestramento e trabalharam no sentido de transformar o Exército salvadorenho no tipo de organização profissional que obtivesse o apoio e o respeito da população civil. O trabalho árduo dos assessores das Forças Especiais, teve um efeito profundo sobre o conflito.*

ambos os lados respeitariam o tratado.<sup>8</sup> O componente norte-americano da força de manutenção de paz foi organizado como a FT Conjunta *Safe Border* e consistia principalmente de oficiais e soldados do 3º Batalhão do 7º Grupo de Forças Especiais. A MOMEPE montou seu quartel-general em Patuca, no Equador e manteve uma presença em Bagua, no Peru. A partir destes dois locais, os soldados do 7º Grupo mantinham a vigilância nas regiões isoladas da selva para ajudar a manter a paz.



*Adestramento em operações aeromóveis na Colômbia, realizado no ano 2000 em apoio à iniciativa contra o narcotráfico.*

Recrutas e oficiais, selecionados dos três batalhões do 7º Grupo, ficaram inicialmente desdobrados durante 179 dias com a Força-Tarefa Conjunta *Safe Border*; rodízios foram mais tarde encurtados para 90 dias.

*A defesa da ponte sobre o rio Pacora foi a missão mais dramática do 7º Grupo durante a Operação Just Cause, mas se pode considerar que a maior contribuição do Grupo foi a obtenção da rendição das numerosas guarnições das Forças de Defesa do Panamá. O conhecimento da cultura panamenha e as relações pessoais com oficiais das Forças de Defesa do Panamá, por parte dos militares das Forças Especiais, foram multiplicadores de força.*

A presença do 7º Grupo na América Latina foi importante para se conseguir que os dois países em litígio trabalhassem a favor de uma solução definitiva. A MOMEF foi outra missão que obteve muito sucesso mas que recebeu pouco reconhecimento fora dos círculos militares. O General Barry McCaffrey, comandante do Comando Sul dos EUA na época da formação da MOMEF, declarou: “Esta foi a mais bem-sucedida

missão de manutenção de paz na história dos EUA.”<sup>9</sup> A paz contínua ao longo da fronteira entre o Equador e o Peru é um testemunho das realizações dos militares que participaram da MOMEF.

## **A Iniciativa de Adestramento Mexicano**

Como parte do compromisso renovado da administração do então presidente Clinton para uma maior cooperação militar entre os EUA e o México, ao Exército dos EUA foi dada a incumbência de desenvolver a *Mexican Training Initiative — MTI* (Iniciativa de Adestramento Mexicano) para prover um adestramento para aprimorar as capacidades do Exército mexicano. A missão de adestrar as forças mexicanas contra drogas foi atribuída ao comandante do 7º Grupo de Forças Especiais.

A execução da Iniciativa de Adestramento Mexicano teve início em abril de 1996, no Forte Bragg, Carolina do Norte. Militares da Companhia B do 3º Batalhão do 7º Grupo de Forças Especiais adestraram oficiais mexicanos em cursos avançados de tiro, reconhecimento, combate aproximado e direitos humanos, buscando aprimorar a capacidade do Exército mexicano relativa ao combate ao tráfico de drogas. A missão da Iniciativa do Adestramento Mexicano mais tarde passou para a responsabilidade do pessoal dos 1º e 2º Batalhões do 7º Grupo e da Companhia de Apoio do Grupo. O



*Uma apresentação operacional para observadores da Força-Tarefa Conjunta Safe Border em Patuca, no Equador, em 1995.*

adestramento também incluiu cursos de formação de instrutores, para ensinar oficiais selecionados do Exército mexicano a desenvolverem planos de treinamento eficientes no México. Um grande número de oficiais mexicanos foi deslocado para o Forte Bragg para serem adestrados, entre 1996 e setembro de 1998, quando o programa terminou.<sup>10</sup>

A Iniciativa do Adestramento Mexicano foi pioneira em termos do nível de cooperação alcançado pelos governos dos EUA e México. Fez parte de um grande esforço para melhorar as relações com o nosso vizinho do sul.

## **Colombia 1998-Presente**

Mais de 80 por cento da cocaína consumida no mundo vem da região andina da América do Sul, e a maior parte dessa cocaína vem da Colômbia.<sup>11</sup> Os lucros deste comércio ilícito ajudam a financiar as insurreições que têm ocorrido ao longo de três décadas e que têm causado a morte de milhares de colombianos. O maior grupo insurgente, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, ou FARC, combate o governo colombiano há anos. Em 1998, em uma tentativa dramática para alcançar a paz com os rebeldes, o então presidente colombiano Andres Pastrana brindou às FARC com uma zona desmilitarizada.<sup>12</sup> Até 2002, quando o governo rescindiu esse acordo, as FARC usaram essa área colombiana, do tamanho da Suíça, como base para ataques

aos militares colombianos e para apoiar a produção da cocaína.

Pastrana, frustrado pela violência gerada pelo comércio das drogas e pressionado pelos EUA e pela Europa,

*Mais de 80 por cento da cocaína consumida no mundo vem da região andina da América do Sul, e a maior parte dessa cocaína vem da Colômbia. Os lucros deste comércio ilícito ajudam a financiar as insurreições que têm ocorrido ao longo de três décadas e que têm causado a morte de milhares de colombianos.*

desenvolveu o Plano Colômbia, com apoio estrangeiro, em 1999. O governo dos EUA ofereceu um bilhão e meio de dólares em apoio ao assediado governo colombiano. Uma grande parte da ajuda norte-americana consistiria de adestramento e equipamentos militares, principalmente helicópteros, muito necessitados. O acordo para a ajuda militar porém, exigia que esta fosse utilizada apenas para operações contra drogas e não para combater as forças insurgentes. Entretanto, como o comércio das drogas encontra-se bastante interligado aos insurgentes e às áreas sob o controle destes, manter separadas as duas operações tem mostrado ser uma tarefa difícil.

O Exército colombiano decidiu criar uma nova unidade, que seria adestrada especificamente para o combate às operações do narcoterrorismo. A nova unidade, a Brigada Contra-Narcóticos (BACNA), seria formada e adestrada na área colombiana conhecida por Três Esquinas. O 7º Grupo recebeu a incumbência de adestrar a nova unidade, um batalhão de cada vez, e de tornar os três batalhões da Brigada operacionais até dezembro de 2000.

Apesar do 7º Grupo de Forças Especiais manter uma presença constante na Colômbia, foi só após o Plano Colômbia ter início que o Grupo desdobrou uma de suas companhias orgânicas. Para poder adestrar a BACNA, o 7º Grupo desdobraria uma companhia reforçada em ciclos de 90 dias para adestrar cada batalhão. No final de cada ciclo, uma nova companhia de Forças Especiais seria desdobrada para adestrar o próximo batalhão. Esse sistema permitiria ao 7º Grupo cumprir a sua missão contra drogas na Colômbia e continuar o seu cometimento nas Américas Central e do Sul. O ritmo operacional resultante dos compromissos do 7º Grupo no final da década de 90, requeria que cada destacamento do grupo se deslocasse para o teatro de operações durante o ciclo de desdobramento de seus batalhões.

Os primeiros elementos a se desdobrarem para a missão de treinamento da BACNA, que veio a ser conhecida como a Iniciativa Colombiana Contra Narcóticos (*Colombian Counternarcotics Initiative — C<sup>2</sup>I*), chegaram em Três Esquinas em março de 1999. Em poucas semanas, o primeiro batalhão da BACNA estava recebendo treinamento nos diversos escalões. Destacamentos “A” trabalhavam em campanha com grupos de combate e pelotões, adestrando-os em operações de combate e patrulhamento. Simultaneamente, outros militares das Forças Especiais trabalhavam

junto ao estado-maior da BACNA para aumentarem sua capacidade de planejamento e controle operacional. A primeira interação da Iniciativa Colombiana Contra-narcóticos foi um grande sucesso e, imediatamente após ter completado seu adestramento, o primeiro batalhão da BACNA desdobrou-se para apoiar as operações contra-narcóticos.

As duas subsequentes interações da Iniciativa Colombiana Contra-narcóticos conduziram os treinamentos em Larandia, que tem melhores áreas para adestramento e logística do que Três Esquinas. As segunda e terceira interações foram tão bem-sucedidas quanto a primeira, e o último batalhão da BACNA tornou-se operacional em dezembro de 2000, dentro do prazo. À medida que continua a guerra contra os narcoterroristas na Colômbia, os militares do 7º Grupo continuam a prover adestramento adicional às unidades da BACNA quando elas deixam temporariamente as linhas de frente da guerra contra as drogas.

## CONCLUSÃO

O 7º Grupo de Forças Especiais tem estado, e permanece, muito engajado na América Latina. O grupo tem tido um papel importante em grande parte dos acontecimentos importantes que vem ocorrendo em países da América do Sul e Central, durante os últimos vinte anos. As missões do 7º Grupo têm variado desde missões durante tempos de paz a operações de assessoria durante combates. O prazo para o emprego do Grupo tem variado de alguns meses a poucos minutos, dependendo da missão. As diversas missões e a variedade de planejamentos não são surpresa para os militares do 7º Grupo que carregam individualmente uma moeda de sua unidade, inscrita com um grande “7” vermelho e as palavras “Qualquer coisa, qualquer hora, qualquer lugar”. **MR**

---

## Referências

1. Max G. Manwaring e Court Prisk, editores, *El Salvador at War, An Oral History*, Washington, D.C., National Defense University Press, 1988.

2. *Ibid.*

3. Tenente-Coronel Geoffrey Lambert, Tenente-Coronel Frank Pedrozo e Coronel Ranger Roach, “Interview: Special Forces in El Salvador,” *Special Warfare, outubro de 1993*, p.35.

4. Sargento John Terzian, “SF Advisers in El Salvador: The Attack on El Paraiso,” *Special Warfare, Spring 2001*, p.25.

5. Wayne Kirkbride, *Special Forces in Latin America*, publicado pelo autor em 1991, p. 126.

6. *Ibid.*, p.125.

7. [http://call.army.mil/products/ctc\\_bull/90-9/9091ch1b.htm](http://call.army.mil/products/ctc_bull/90-9/9091ch1b.htm).

8. Sargento Douglas Ide, “M-O-M-E-P Spells Peace,” *Soldiers*, fevereiro de 1996, p.31.

9. Major Sean Swindel, *7th SF Group War College Brief*, novembro de 1996, slide 30.

10. Tenente-Coronel Edward Reeder, *Mexican Training Initiative After Action Report*, outubro de 1998, p.3.

11. Site na Internet da Drug Enforcement Agency — DEA, informação sobre a produção da cocaína, <http://www.usdoj.gov/dea/pubs/intel/cocaine.htm>.

12. Juan Forero, “Colombian Rebels Hijack a Plane and Kidnap a Senator,” *New York Times*, 21 de fevereiro de 2002.

---

*O Tenente-Coronel Paul S. Burton é subcomandante do 7º Grupo de Forças Especiais. Suas funções anteriores incluem a de S3 do 7º Grupo de Forças Especiais, S3 do Desenvolvimento Tecnológico das Operações Especiais, comandante de companhia, oficial de estado-maior de batalhão, comandante de destacamento no 3º Batalhão do 7º Grupo de Forças Especiais e comandante de destacamento na Companhia A do 1º Batalhão do 7º Grupo de Forças Especiais. É bacharel em História pela Arizona State University e mestre em Arte e Ciência Militar pela ECEME/EUA no Forte Leavenworth, Kansas.*

*O Capitão Robert Lee Wilson é comandante do Comando e Companhia de Comando do 7º Grupo de Forças Especiais. Serviu anteriormente como comandante de destacamento no 7º Grupo de Forças Especiais. Comissionado pelo Centro de Preparação dos Oficiais de Reserva como oficial de Infantaria, é bacharel em Finanças pela University of Connecticut.*

